

John Dewey no cinema: os princípios educativos no filme *Além da sala de aula*

Fernanda Amorim Accorsi

Doutora e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Comunicação e Educação pela Faculdade Cidade Verde (FCV). Graduada em Pedagogia pela UEM e em Jornalismo pela Faculdade Maringá. E-mail: accosifer@gmail.com

Teresa Kazuko Teruya

Doutora e mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Graduada em História pela Faculdade Auxilium de Lins (FAL) e em Ciências Sociais pela Unesp. E-mail: tkteruya@gmail.com

Resumo: Este artigo problematiza o filme americano *Além da sala de aula* (*Beyond the blackboard*, EUA), de 2011, cuja história retrata a escola de um abrigo temporário em que estudam os filhos de pessoas que não têm onde morar. O filme evidencia o papel da professora Stacey Bess, interpretada pela atriz canadense Emily VanCamp. Nosso eixo de análise tem como base os princípios educativos discutidos no livro *Vida e educação*, de John Dewey. Objetivamos verificar, em especial, a prática docente, o comportamento dos alunos e os conceitos de educação e escola exibidos no filme e compará-los com os apresentados no livro de Dewey. Constatamos que, embora o filme não anuncie as premissas educativas do autor, a prática pedagógica apresentada se assemelha àquela defendida por ele, bem como os conceitos de aluno, escola e educação apresentados também têm relação com as discussões realizadas por Dewey.

Palavras-chave: John Dewey; Além da Sala de Aula; Filme; Educação.

John Dewey in the cinema: educational principles in the film *Beyond the blackboard*

Abstract: This article discusses the American film *Beyond the blackboard*, 2011, which portrays a school in a temporary shelter, where the children of people who have nowhere to live study. The film highlights the role of the teacher Stacey Bess, played by the Canadian actress Emily VanCamp. The axis of analysis is based on the educational principles discussed in John Dewey's book *Vida e Educação* (Life and Education) (1997). We aim at verifying, mainly, the teaching practice, the students' behavior, and the concepts of education and school exhibited in the film, comparing them with those presented in the book by Dewey (1997). We find that, although the film does not advertise the author's educational premises, the pedagogical practice presented resembles the one defended by Dewey, and the concepts of student, school, and education are also related to the discussions developed by him.

Keywords: John Dewey; Beyond the Classroom; Movie; Education.

Introdução

Este artigo discute o filme *Além da sala de aula* (*Beyond the blackboard*, EUA) com base nos pressupostos pedagógicos de John Dewey (1997), elencados no livro *Vida e educação*, mas também está ancorado em Freire (2011), Skinner (1974), Behrens (2005) e Fabris (2001), a fim de problematizar a história fílmica, lançada em 2011, baseada em fatos ocorridos em 1987 e dirigida por Jeff Bleckner. A narrativa se passa em um abrigo temporário para pessoas sem teto na cidade americana de Salt Lake City, no estado de Utah. Nele, há uma sala de aula sucateada, cuja estrutura física é abalada toda vez que um trem se aproxima. O local serve de escola para alunos considerados em situação de vulnerabilidade social; são os filhos de pessoas sem casa que moram temporariamente no abrigo.

Eis o cenário do filme *Além da sala de aula*, estrelado por Emily VanCamp, atriz canadense conhecida por protagonizar seriados comerciais americanos. No filme, a atriz atua como Stacey Bess, professora recém-formada que aceita a oportunidade de ministrar aulas para as crianças do abrigo.

O filme apresenta o que Fabris (2001) discutiu como a pedagogia do herói ou da heroína, visto que os professores e professoras dos filmes americanos são sempre sujeitos indignados, líderes e costumam romper com o que está instituído a fim de alcançar os objetivos traçados previamente.

Fabris (2001: 3) analisa que a pedagogia do herói, existente nos filmes hollywoodianos que tratam de educação, serve de “padrão regulador e colonizador das identidades para o magistério e das pedagogias”. O herói, para a autora, possui características como bondade, valores e poderes extraordinários se comparado com outros sujeitos sociais. Essas são as qualidades da professora Stacey, visibilizadas no referido filme americano.

Além da sala de aula não se distingue de outras produções cinematográficas porque apresenta a professora como salvadora das mazelas sociais. Mas, para escolhê-lo como objeto de estudo, levamos em consideração que o filme é sugerido aos docentes por *sites* e *blogs* de educação e pedagogia como fonte de inspiração para o trabalho docente, bem como se baseia em uma história real da educação americana.

Desse modo, o filme nos serve de objeto para problematizarmos o conceito de educação, escola, professor e aluno discutidos no livro *Vida e educação* (1997), de John Dewey. Para tecer este artigo, nos perguntamos: quais princípios educativos de John Dewey são vistos no filme *Além da sala de aula*?

Quando aliamos cinema e educação, nos aproximamos das discussões de Freire (2011), que propõe que a educação só ocorre com comunicação. Da mesma forma, Dewey (1997: 19) afirma que “comunicação é educação. Nada se comunica sem que os dois agentes em comunicação [...] se mudem ou se transformem de certo modo”.

Dewey (1997) é pragmático, valoriza a vivência do aluno e do professor, bem como a prática social em que eles estão envolvidos, e considera que o pensamento serve para resolver problemas. Refuta a filosofia tradicional da educação ao propor o professor reflexivo como aquele que revê, repensa e reorganiza constantemente sua prática pedagógica.

Nesse eixo explicativo, as discussões de Dewey (1997) se aproximam, novamente, das problematizações de Freire (2011), para quem é pensando a prática de hoje que o professor pode aperfeiçoar sua prática de amanhã. Para os autores, a educação não consiste em uma prática inacabada, pronta e definitiva; longe disso, pois consideram que a experiência é fundamental para a construção do processo de ensino e aprendizagem.

O saber precisa ser significativo para os alunos, precisa estar perto do que eles vivenciam e conhecem. Assim, é papel do professor de construir caminhos para a ampliação de olhares, sentidos, significados e experiências escolares. Os alunos, nesse viés, estão munidos de desejos, de vontade de aprender e de ampliar seus pontos de vista. Não podem ser considerados recebedores de conhecimento, nem

parte isolada do processo em que ocorre o aprendizado. Eles estão ativos em sala de aula, são participativos no local onde podem manifestar suas vozes e opiniões (DEWEY, 1997).

Os alunos são capazes de movimentar seus pensamentos do senso comum para o reflexivo por meio da mediação docente. Portanto, não há como privilegiar um método apenas, uma fórmula geral sobre como ensinar e aprender, uma vez que é indispensável observar e levar em conta as predileções dos alunos e as experiências sociais, culturais, políticas e econômicas que eles trazem para sala de aula.

Por meio do conhecimento significativo, é possível despertar o interesse do aluno pela aprendizagem, fazendo-o perceber que as informações trabalhadas em sala de aula são importantes para sua construção enquanto ser humano, pois têm relação com sua vida. Dewey (1997) defende que não existem verdades absolutas, mas discute que certas ideias, ações e costumes são úteis em determinado tempo e espaço e, por isso, podem ser reformulados para atenderem às necessidades de outros momentos históricos. Para o autor, esse movimento de desconstrução e reconstrução de verdades são pressupostos fundamentais para uma educação democrática.

A teoria de Dewey em *Além da sala de aula*

O filme *Além da sala de aula* tem 95 minutos de duração e é dividido em duas fases: a primeira tem relação com a chegada da professora Stacey na escola, em que o ambiente educacional apresenta problemas, como indisciplina dos alunos, falta de material escolar e ausência de direção e coordenação pedagógica. Se, nos primeiros minutos de filme, a professora está receosa sobre a possibilidade de desenvolver seu trabalho, percebendo as inúmeras dificuldades existentes no abrigo, a segunda fase é marcada pela postura firme e decidida de Stacey. Nela, a professora inicia seu trabalho de transformação da realidade dos alunos, das atitudes dos pais e da prática de ensino e aprendizagem daquele lugar.

A primeira fase pode ser ilustrada com a seguinte afirmação proferida pela professora (16'29''): "[t]rês minutos para terminarem o teste, para saber em que nível escolar vocês estão, e depois vamos ver quem tem piolho". A segunda fase pode ser explicada com a seguinte afirmativa da professora (23'41''): "Nós precisamos de tudo, inclusive material didático". A referida fala ocorre quando a professora busca levantar fundos para a escola com os políticos locais para adequar a sala de aula e oferecer subsídios de aprendizagem aos alunos.

No início do filme, Stacey afirma que não foi treinada para lecionar em várias séries educacionais ao mesmo tempo. A preocupação se deve à faixa etária dos alunos da turma de Stacey, que possuem idades muito distintas – ou seja, crianças dividem espaço com adolescentes. Os planos de Stacey são frustrados quando ela almeja exibir um filme em sala, mas a TV é roubada por ex-moradores do abrigo, considerados por um aluno como usuários de crack. Nesse cenário, é sugerido aos espectadores quão difícil será o papel docente de reverter a realidade instalada na escola-abrigo.

Ainda no início do filme, há uma cena em que o marido de Stacey lhe entrega um porta-papel para que ela usasse no primeiro dia de aula – afinal ser professora era o sonho da novata, que estava prestes a iniciar os trabalhos. Nesse dia, Stacey utiliza o presente do marido, mas não guarda papéis e atividades dos alunos, como era o esperado, pois utiliza o objeto para afastar um rato que amedronta as crianças na sala de aula.

Nesse âmbito, visualizamos o que Dewey (1997: 21) analisou: "[a]s escolas passam a constituir um mundo dentro do mundo, uma sociedade dentro da sociedade", pois a escola sem nome de Stacey se mostra um reflexo da sociedade em que o abrigo – e os alunos que vivem nele – está inserido. A escola se apresenta como uma extensão da sociedade, em que os problemas existentes são desencadeados, primeiro, na esfera social.

Não podemos aceitar, simplesmente, que a escola se espelhe nos pontos negativos da sociedade e os traga para dentro da sala de aula como objeto de aceitação. Não podemos verificar a existência de imperfeições morais e intelectuais e deixá-las como estão. O papel da escola não é de adequação à sociedade, muito menos de padronização dos alunos ao que é solicitado pelos membros da sociedade, mas de avanço democrático e reflexão constantes sobre os problemas e as histórias produzidas fora – e dentro – dela (DEWEY, 1997).

Ainda no primeiro momento do filme, Stacey não visualiza a escola como um espaço educacional, mas considera que existe uma sala de aula com instalações precárias, que divide espaço com serviços de barbearia em um abrigo. A professora se motiva a transformar o lugar, pintá-lo e organizá-lo e oferecer aos alunos e às alunas mínimas condições de aprendizagem.

Para atingir seu objetivo de transformar a educação dos jovens daquele local, Stacey trabalha nos fins de semana e conta com a ajuda de uma aluna de origem mexicana e de um morador do abrigo. As cenas do filme demonstram que a história está prestes a se transformar rumo ao final feliz. A transformação do espaço escolar realizada por Stacey nos remete à citação de Dewey (1997: 17) sobre o significado da educação.

E é nisso que consiste a educação. Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem.

Na perspectiva do autor, a educação precisa de reconstrução constante, a fim de ampliar a qualidade das experiências de alunos e professores. A educação não é um fim por si só, mas um processo de vivência, de contato, de transformação.

Com a reforma da sala de aula, as crianças do abrigo ficam entusiasmadas em descobrir as novidades do espaço escolar. Na primeira aula, a professora indaga: “alguém está com fome?”, demonstrando que conhece a realidade dos alunos e entende as necessidades de cada um. Todos dizem “sim” à pergunta da professora e a aula só começa depois do café da manhã.

Nesse trecho do filme, visualizamos que Stacey não tinha uma solução pronta para incentivar os alunos à busca da aprendizagem; ela foi experimentando e conhecendo-os, assim como suas respectivas formas de ser e estar do mundo, até encontrar o que, seria o ideal para aquele lugar no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem.

A transformação da sala de aula, agora pintada e completamente diferente do início do filme, cheia de materiais didáticos e quadros coloridos, invocou o interesse dos alunos pela descoberta que Stacey poderia oferecer, trouxe à tona o que Dewey (1997: 86) nomeou de interesse verdadeiro. Isto é, “significa que uma pessoa se identificou consigo mesma, ou que se encontrou a si mesma, no curso de uma ação”.

Nessa perspectiva, a identificação dos alunos com a sala de aula – e com a aprendizagem que ocorreria a partir dela – é uma atividade que pode durar pouco ou muito tempo, conforme as circunstâncias e as experiências vividas ali, dependendo dos impulsos e tendências criadas no local (DEWEY, 1997).

Para ampliar e estender o interesse verdadeiro dos alunos pela escola e pelo conhecimento, Stacey trabalha a partir das vivências deles. Sentados em círculo, com a professora, os alunos relatam histórias já vividas. Cada um a sua maneira. As falas permeiam temas como polícia, despejo, desemprego, fome, frio e violência. Enquanto eles lembram o passado, a professora conhece um pouco mais dos seus alunos e ainda aproveita a oportunidade para trabalhar significados de palavras relacionadas com as experiências deles, como respeito e coragem.

A sala de aula se torna um local de reflexão e o aprender tem sentido para os alunos, pois a alfabetização e o significado das palavras têm relação direta com suas vidas, com suas narrativas. A referida cena pode ser relacionada com o pressuposto de Dewey (1997: 63) de que a disciplina imposta é um equívoco. Em outras palavras, “[é] um absurdo supor que uma criança conquiste mais disciplina mental ou intelectual ao fazer, sem querer, qualquer coisa, do que ao fazê-la, desejando-a de todo o coração”.

Dewey (1997) defende que tornar algo interessante para a criança é, sobretudo, excitá-la à atividade, é recorrer a algo que ela goste como ponto de partida. Interesse é impulso, é estar entre, como afirma a própria etimologia da palavra. Para o autor, o termo “interesse” pode ser visto, no mínimo, por três pontos de vista. São eles: *propulsivo*, em que há uma força motriz para desencadear a ação; *objetivo*, cujo termo é usado como sinônimo de interesse; e *pessoal*, em que o sujeito faz o que é importante para ele.

Stacey utiliza os três sentidos de interesse difundidos por Dewey (1997) para alavancar a vontade de aprender dos alunos. A professora parte da realidade deles para propor o saber: solicita que eles narrem suas histórias e experiências vividas fora de sala, mas também evidencia que os conhecimentos discutidos na escola podem ser usados fora dela. Ela promove o interesse por meio de exemplos e de situações que ocorrem no dia a dia escolar.

Verificamos, sobretudo, que “[e]ducação é vida, não preparação para a vida. – Muito antes que houvesse escolas houve educação” (DEWEY, 1997: 37). Em outra cena do filme, Stacey convida um morador do abrigo, o qual possui habilidades artísticas, para trabalhar as cores com as crianças. O morador se torna ajudante da professora e, nessa cena, ilustra que misturar amarelo com vermelho resulta na cor laranja. Os alunos se interessam pela atividade e testam outras cores, a fim de descobrir outros tons para além das disponíveis na paleta.

A exemplo do filme, o professor é o responsável pelo despertar do interesse, cuja possibilidade ocorre a partir de um primeiro impulso, que pode ser de ordem emocional. Assim, é indispensável considerar o aspecto subjetivo do conhecimento, vislumbrando quais sensações e significados ele sugere para os alunos e quantos despertares são possíveis por meio da informação discutida em sala de aula.

Vemos que interesse e esforço se unificam nas atividades propostas por Stacey, assim como defende Dewey (1997: 70): “[a]gir adequadamente na direção desses impulsos, envolverá, naturalmente, da parte da criança, seriedade, concentração, clareza de propósitos e de planos”. Para o autor, unir esforço e interesse é fundamental para a formação de hábitos sobre aprender, visto que a educação ocorre, de fato, com a persistência dos envolvidos.

A professora Stacey leva em conta as questões subjetivas dos alunos quando desenvolve atividades de colagem em sala de aula. Os enquadramentos da câmera evidenciam que os recortes feitos pelos alunos – para depois serem colados nos cadernos – são escolhidos conforme a vontade deles, de acordo com as experiências que eles têm diante da vida e sob a orientação da professora. É como se a professora oferecesse possibilidades de criação, de imaginação, e os alunos as aproveitassem da forma que mais achassem significativa e conveniente.

O que vemos diante da didática apresentada nessa cena é o intercâmbio de ideias entre professor e aluno, bem como o diálogo e a liberdade como pressupostos de aprendizagem em sala de aula. Portanto, Stacey não propõe uma conformidade mecânica à atividade, lapidando os pontos de vista dos alunos e considerando modos certos e errados de se fazer colagem. Pelo contrário, oferece uma educação capaz de levar as crianças “para além dessa aquisição de certos modos visíveis e externos de ação” (DEWEY, 1997: 23).

No entanto, é válido ressaltar que a educação libertária precisa, ainda, de disciplina, em especial aquela apreendida na infância. A disciplina, usada com inteligência, forma hábitos, reforça condutas e comportamentos que, certa vez, obtiveram resultados positivos no que se refere ao desenvolvimento dos sujeitos (DEWEY, 1997).

Quando a professora motiva seus alunos a aprender os conteúdos científicos, ela utiliza, em mais de uma oportunidade, o que Skinner (1974) intitulou reforço positivo. Em outras palavras, após o desenvolvimento de atividades, Stacey comemora verbalmente com a turma os acertos, aumentando, assim, a possibilidade de a ação proceder novamente. Nesse eixo, o aluno modifica seu comportamento, observando as consequências geradas por ele, bem como desenvolve atitudes que tenham como finalidade recompensas positivas.

A prática pedagógica de Stacey não ocorre exclusivamente em sala de aula. Fora da escola, a professora pratica pedagogia com os pais, com a direção do abrigo e com membros da Secretaria de Educação da cidade. Dewey (1997) propõe cinco condições para ocorrer a aprendizagem, as quais verificamos na prática de Stacey dentro e fora da escola. São elas: só se aprende o que se pratica; não basta apenas praticar; aprende-se por associação; não se aprende nunca algo único só; e toda aprendizagem deve ser integrada à vida.

Na sala de aula de Stacey, os alunos possuem idades distintas uns dos outros. Por isso, a professora leva em consideração as personalidades e opiniões de cada um deles. Ela considera a sala de aula um meio social vivo e que, como qualquer ser vivo, pode se transformar. Não existem conteúdos programáticos de forma anual ou semestral. A cada aula, Stacey percebe as necessidades cognitivas dos alunos e oferece o conteúdo científico pautado na prática e no diálogo (FREIRE, 2011).

A reconstrução consciente da experiência é recorrente para os alunos de Stacey – isto é, “as experiências passadas afetam a experiência presente e a reconstróem para que todas venham influir no futuro” (DEWEY, 1997: 34). O referido conceito discutido pelo autor pode ser visualizado no filme quando Stacey trabalha matemática em sala. A cada novo acerto (prática), a professora propõe paralelos com o que foi apreendido anteriormente. Na referida sequência do filme, também visualizamos a terceira condição proposta por Dewey (1997), ou seja, a aprendizagem ocorre por associação. Ao evidenciar que a descoberta do conhecimento é uma atividade divertida, a professora vincula a matéria de matemática ao entusiasmo e ao prazer.

Nas palavras do autor: “Enquanto ensinamos aritmética, podemos estar ensinando também uma atitude de desgosto pela matéria, que venha a perdurar toda a vida” (DEWEY, 1997: 35). O modo como o professor apresenta o conteúdo programado à turma pode ser associado pelos alunos e poderá se tornar sinônimo daquele assunto.

Stacey ilustra, em sala, que sol somado à clorofila resulta na fotossíntese, que dá origem ao oxigênio. Com pequenas plantas nas mãos, estudando o processo de fotossíntese, as crianças não apreendem apenas ciência, mas principalmente “atitudes para com a matéria, para com o mestre, para com a escola, para com as coisas da inteligência, de certo modo para com a vida toda” (DEWEY, 1997: 35).

A experiência com as plantas e o conhecimento sobre fotossíntese demonstram que a professora Stacey trabalhou com a última condição de Dewey (1997), a aprendizagem relacionada à vida. Ao manusearem as plantas e entenderem como elas respiram e oferecem oxigênio aos outros seres vivos, os alunos entenderam a importância do meio ambiente para a sobrevivência humana. A didática de Stacey não se deu por meio de exercícios isolados, sem coerência para as crianças e com conceitos fragmentados. A aprendizagem ocorreu por meio de uma experiência singular, mas muito próxima das experiências dos alunos.

Como Freire (2011: 47) escreveu

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – de que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica -, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido.

Nesse ponto, as premissas de Freire (2011) se aproximam das de Skinner (1974), em que são discutidas as complexidades do ser humano. Para Skinner (1974), o

sujeito possui três características: *filogenética*, que tem relação com a história da sua espécie; *ontogenética*, porque ele em si possui uma história; e peculiaridades *culturais*, as quais têm relação com os aspectos ligados à cultura que os sujeitos têm vivenciado. Vemos, que ambos os autores consideram o ser humano múltiplo e com histórias passíveis de serem alteradas. Para eles, a aprendizagem está ligada diretamente à mudança de comportamento (FREIRE, 2011; SKINNER, 1974).

Desse modo, o professor não possui um trabalho finalizado, concluído, pois precisa interagir com os alunos e compreender quais são suas formas de ser e estar no mundo, conscientes de que essas formas se alteram recorrentemente. O professor precisa, sobretudo, agir como um pesquisador, um cientista, que busca respostas para problemáticas cotidianas da sala de aula.

Em *Além da sala de aula*, Stacey figura como cientista, visto que oferece aos alunos a possibilidade de conhecerem música clássica e observa o rendimento de cada um frente à experimentação de estudar ouvindo música. Os sons de Johann Sebastian Bach e Ludwig van Beethoven se tornam familiares para crianças, que desenvolvem atividades ao mesmo tempo em que cantarolam conforme a harmonia das músicas dos artistas.

A professora não evidencia aos alunos, durante o filme, o porquê de apresentar músicas de Bach e Beethoven – não estende o assunto, mas corriqueiramente liga o aparelho de som para que a turma tenha acesso às sinfonias. Assim, visualizamos as ações de Stacey como uma negação do mundo inteligível, demonstrando que o mundo sensível, da experiência garante a educação musical das crianças. Mais uma vez percebemos que a prática pedagógica da professora possui fragmentos dos pressupostos de Dewey (1997), bem como visualizamos que a escola do abrigo não é rígida, concluída, mas progressista na acepção de pensar no futuro, ampliar pontos de vista e modos de realizar a educação, assim como defende o autor.

Verificamos a escola-abrigo como progressista conforme Dewey (1997), mas também conforme os pressupostos de Behrens (2005: 71), que defende a educação progressista como aquela “que leva em consideração o indivíduo como um ser que constrói sua própria história”.

Analizamos, ainda, que as aulas de Stacey alteraram o comportamento e ritmo de aprendizagem dos alunos. A professora ofereceu conhecimento no sentido mais amplo, aquele que advém das relações interpessoais. Os pais foram convidados pela professora para participarem das atividades educativas. Em determinado momento do filme, Stacey solicita que a televisão do abrigo seja desligada por, pelo menos, duas horas por dia e que a sala de estar do local se torne um espaço adequado para que os alunos possam realizar as tarefas com os pais.

A proposta foi aceita pelos familiares dos alunos, que passaram a acompanhar o desenvolvimento de atividades extraclasse. Nesse eixo do filme, verificamos que as relações da escola-abrigo não são fixas, nem estáticas. Conferimos que o meio cultural em que os alunos – e seus pais – estavam inseridos influenciou no processo de crescimento intelectual. Os pais alteraram não só suas condutas em relação à professora, à aprendizagem mediada por ela, mas também suas concepções de ensino e seus comportamentos, a fim de incentivar o estudo dos filhos.

A escola de Stacey possui os mesmos pressupostos da escola defendida por Dewey (1997), ou seja, aquela permeada por liberdade, diálogo, consensos, mas também contestação. A professora, assim como o autor, não visualiza a prática educativa de modo dicotômico ou binário; longe disso, ambos não separam ordem de desordem, bem como teoria de prática, liberdade de disciplina e conhecimento de interesse.

Por fim, anunciamos que, conforme a narração final do filme, a passagem de Stacey pela escola sem nome do abrigo deu visibilidade para a comunidade local, o que gerou resultados como a construção de uma nova sede escolar para os membros da cidade de Salt Lake City e a premiação da professora Stacey Bess pelo Governo americano por fazer algo produtivo para o país com idade de 25 anos ou menos.

Últimas considerações

Verificamos que os filmes podem ser objetos de reflexão das teorias pedagógicas, visto que a professora retratada em *Além da sala de aula* utiliza uma didática passível de ser analisada e discutida pelo viés da educação. Percebemos que a história do filme não anunciou os princípios educativos de autores da área da educação, embora tenha trazido metodologia docente semelhante ao que Dewey, entre outros pensadores, propõe.

Em especial, podemos ressaltar que o papel dos alunos na construção do saber foi baseado na disciplina, no interesse e no esforço, conceitos discutidos por Dewey no livro *Vida e educação*. Quando a turma de alunos descobre, por meio da mediação docente de Stacey, que aprender pode ser prazeroso e, acima de tudo, possível, o filme reforça a ideia de que os alunos são ativos no processo de produção do conhecimento e não podem ser considerados como meros recebedores das verdades difundidas em sala de aula.

Verificamos que a experiência dos alunos na escola, somada à reflexão, foi essencial para ocorrer aprendizagem. O conhecimento propiciado pela professora Stacey passou por diversas reconstruções ao longo do filme, uma vez que ela experimentava práticas pedagógicas a fim de atingir objetivos docentes em sala de aula, em meio às dificuldades apresentadas pela realidade da escola-abrigo.

Stacey trabalhou o saber de modo significativo para os alunos, o que colaborou para o despertar do interesse, bem como para a construção do pensamento reflexivo de cada um. Assim como Dewey (1997), Stacey Bess refutou a filosofia tradicional da educação, em que ocorre a reprodução do conhecimento, uma vez que centralizou o processo de ensino e aprendizagem no aluno e em nenhuma cena utilizou a metodologia cartesiana, característica desse paradigma conservador da educação.

A escola constituiu-se, no filme, como instituição democrática, libertária e crítica, espaço em que ocorre a integração do aluno por meio de uma relação horizontal com o professor. A busca de Stacey por transformação social desencadeou um processo que envolveu políticos – que ajudaram na transformação da estrutura física da escola – e familiares dos alunos. Desse modo, verificamos que a educação exibida no filme é aquela problematizada por John Dewey no livro *Vida e educação*.

Referências

BEHRENS, M. A. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2005.

DEWEY, J. *Vida e educação*. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

FABRIS, E. H. As marcas culturais da pedagogia do herói. In: REUNIÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 24., 2001, Caxambu. *Anais...* Rio de Janeiro: Anped, 2001. Disponível em <<https://bit.ly/2OeUmff>>. Acesso em: 9 out. 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Edart, 1974.